

Carta de Vladimir Herzog a Tamás Szmrecsányi

Londres, 1º de dezembro de 1967

Londres, 1-12-1967

Thamaeluths, caríssimos.

Acabamos de receber sua carta de 25/11, em que verificamos, com satisfação, que, apesar dos pesares, vocês estão se arranjando aos poucos e que a meninada, a julgar pelas fotos, vai de vento em popa. Nossos parabéns por tão bonita prole. Agora, é só partir para o terceiro... E por falar em prole, no ano que vem a Inglaterra vai ter mais três cidadãos de origem botocuda: Pacheco Jordão N. 2, Vale N. 1, além naturalmente de André/Camila, ou seja, o Herzog N. 2. Como veem, não dormimos no ponto (de ônibus). De resto, poucas novidades há, exceto que nossas economias, que já eram poucas, encolheram ainda mais com a recente desvalorização da libra. Aliás, diga-se de passagem que o governo trabalhista está lenta mas decididamente cavando sua sepultura eleitoral para os próximos cinquenta a cem anos, embora, *à vrai dire*, no contexto da economia capitalista, esteja seguindo uma política “realista” digna do nosso conterrâneo Bob Fields. Concordo inteiramente com os conselhos contidos na sua carta no tocante ao nosso retorno, mas o diabo é que as alternativas não são lá muito encorajadoras. Como vocês mesmos devem ter percebido, no exterior a gente sente-se totalmente inútil, totalmente fora do jogo, enfim, totalmente alienado da realidade. E isso, aos poucos, vai transformando-nos em animais consumidores, homogeneizando-nos com o resto da massa abúlica. E quando por “massa” entendemos a *soi-disant* sociedade afluyente europeia, e, mais particularmente britânica, então o termômetro da mediocridade estoura. Ó dilema atroz, como diria o Jânio.

Quanto ao assunto da minha bolsa, lamento informar que a coisa anda emperrada. Apesar das inúmeras recomendações recebidas, o British Council recusa-se a tomar conhecimento enquanto eu não conseguir uma declaração de que a entidade X (USP, governo etc.) quer *empregar-me*. Se o Thamas puder, agradeceria se falasse com o Samuel Pfromm a respeito e ver se ele consegue formular uma declaração desse tipo. Em caso afirmativo, que faça ao British Council do Rio de Janeiro (Av. Portugal, 360 – ZC-82) uma carta mais ou menos nos seguintes termos, enviando uma cópia para mim:

“Com referência à carta de 22/8/67, em que recomendamos a inscrição do sr. Vladimir Herzog no Film & Television Course for Overseas Students da BBC, sob os auspícios do Ministry of Overseas Development, venho pela presente comunicar-lhes que o candidato aceitou prestar serviços na Comissão de TV Educativa da USP, diante do que confirmamos o referido pedido de inscrição. Tendo em vista o início das atividades relacionadas com a televisão nesta Universidade, posso afirmar que a colaboração e os conhecimentos técnicos que o sr. Herzog vier a adquirir no curso da BBC serão da maior utilidade nos nossos projetos de TV Educativa e de ensino de técnicas gerais neste setor na Escola de Comunicações da USP.”

Informo-o entre parêntesis que é essencial que a carta seja formulada mais ou menos nesses termos porque uma recente comunicação que recebi do British Council no Rio, assinada por um tal de *Mr. Brian Vale*, além de dizer que os termos em que as recomendações enviadas em meu nome eram demasiado vagos (recomendavam a minha *pessoa*, mas não a minha *inscrição...*) quer, como alternativa, empurrar-me o curso do Ceto (Centre of Educational Television Overseas) a respeito do qual tenho seguras informações de que é medíocre e limitadíssimo, muito aquém dos conhecimentos que já possuo. Daí a necessidade de a carta do Pfromm dizer que me necessitam a) para a TV Educativa e b) para lecionar técnica geral de televisão na E. de Comunicações, ou outro centro qualquer da Universidade. Pois para ter conhecimentos suficientes nesses *dois* setores só mesmo o curso da BBC está à altura. Diga-se de passagem que o Fernando já conseguiu a bolsa e começará o curso em janeiro. Ele contava com “cartuchos” poderosos, inclusive parentes no Itamaraty. Eu dependo somente das vias normais. Daí a dificuldade e a necessidade de os ofícios ao British Council (ou à Embaixada) serem formulados nos termos precisos, a fim de que possam preencher os regulamentos da bolsa. E esse regulamento diz que a) O pedido de inscrição deve ser feito em nome de um órgão oficial e não por particulares; b) O candidato deve estar empregado ou vir a ser empregado pelo órgão requerente.

Grato, desde jê, pelas providências que puder tomar.

Mudando de assunto, estou agora recebendo regularmente a *Visão* que melhorou muito desde que o Washington assumiu a direção. Acho que seria hora de você, Thamas, voltar a colaborar, não só porque lhe renderia um “tutu” extra mas também porque é uma forma de a gente não sumir inteiramente do mapa e publicar coisas mais decentes, construtivas e válidas para serem comunicadas ao leitor. Não concorda?

No mais, continuamos aqui ao dispor do que vocês puderem precisar, enquanto aguardamos “*further developments of the situation*”... Um abraço a todos

Vlado

[Na margem esquerda da p. 1, datilografado:] P.S.: Por favor explique ao Samuel que a declaração de que vai me empregar é uma mera formalidade sem a qual não consigo a bolsa. Pode ficar certo que, embora me disponha a trabalhar com ele, não vou em absoluto “cobrar-lhe” o compromisso.

[Na margem esquerda da p. 2, manuscrito pelo Ivo:] Um Feliz Natal ao Thiago, Lucia e aos titios do Ivo